

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI  
FILOZOFICKÁ FAKULTA

**Katedra romanistiky**

**A IDENTIDADE NACIONAL E A HISTÓRIA DO  
MOÇAMBIQUE NA OBRA DE MIA COUTO**

BAKALÁRSKA PRÁCA

Kristína Ceferová

Vedúca práce:

PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

Olomouc 2014

## **Čestné prehlásenie**

Prehlasujem, že som bakalársku prácu spracovala samostatne a uviedla všetky použité zdroje.

Olomouc, dňa .....

.....  
*podpis*

**Pod'akovanie:**

Moja obrovská vd'aka patrí predovšetkým vyučujúcim portugalskej sekcii katedry romanistiky Univerzity Palackého v Olomouci. Bez ich trpezlivosti, znalostí, vášne, nadšenia a práce by sa môj, a nie len môj, záujem o portugalský svet, jazyk a literatúru v ňom písanú našiel len ťažko.

Avšak, nemôžem zabudnúť na ostatných úžasných ľuďí, ktorých som popri mojom štúdiu portugalčiny stretla. Moja vd'aka patrí aj im, za to, že ma inšpirujú, podporujú, veria mi a vedia variť.

## Índice

1. Introdução.....	5
2. Mia Couto.....	6
2.1. Vida.....	6
2.2. Obra.....	9
3. História de Moçambique.....	10
3.1. A origem do país e a sua colonização .....	10
3.2. Descolonização e Independência .....	12
4. Identidade .....	16
4.1. Nação e Identidade.....	16
4.2. Identidades nacionais nas sociedades pós-coloniais .....	17
4.3. Literatura como expressão de nação e nacionalidade .....	19
4.4. Literatura moçambicana – procura de uma identidade .....	21
5. Maneira miacoutiana de ser um moçambicano.....	26
5.1. Criatividade e inventividade da linguagem.....	27
5.2. Realismo e fantasia na obra miacoutiana.....	30
5.2.1. Realismo animista na obra de Mia Couto.....	30
5.2.2. O real na obra de Mia Couto.....	31
5.2.3. <i>Terra Sonâmbula</i> – Terra moçambicana.....	31
5.2.4. A Varanda do Frangipani.....	36
6. Comentário final.....	39
Zhrnutie.....	40
Anotácia: .....	42
Bibliografia.....	44

## 1. Introdução

Há dois anos durante a minha estadia na cidade do Porto tive uma conversa que hoje me levou a escrever o presente trabalho. Um dos meus amigos, apaixonado pela literatura, falou-me sobre um escritor africano de nome Mia Couto. Naquela época quase não falava português e não conhecia nenhum nome que fosse dum escritor africano. Até pensava que este nome era de uma mulher. Mas confiei na recomendação e mergulhei na leitura. E fiquei completamente encantada. O mundo criado por este escritor roubou-me (ou me regalou?) horas e horas, com cada página queria saber mais sobre o homem que me falava através destes livros. Em consequência, quando tive que decidir o tema do meu trabalho, não houve dúvida: tinha que ser Mia Couto.

As suas obras pareciam-me insólitas, no entanto, não sabia por quê. Mais tarde, depois de ler vários livros da sua autoria, reparei em elementos do seu estilo que levantaram o meu interesse e chamaram a minha atenção. De fato, este escritor unia as duas coisas de literatura que eu pessoalmente adoro – a fantasia e a realidade. Ainda por cima, as duas abrigadas por uma linguagem incrivelmente maravilhosa.

A minha curiosidade não ficou satisfeita, sabia que houve alguma coisa que me atraía. Ao final a descobri. Era o fato de que o escritor não inventava, mas transmitia a realidade. Apresentava-me um mundo, uma cultura, uma sociedade. A sociedade moçambicana.

Por esta razão decidi, que o meu trabalho ia tratar deste tema - como Mia Couto representa o mundo moçambicano nos seus livros. Queria descobrir, pelo menos um pouco, o seu Moçambique e a sua cultura. Pensar na cultura deste país me trouxe outras questões para responder: Como é a cultura num país pós colonial?

As respostas que encontrei só trouxeram mais perguntas para ser respondidas e devido a estas tropecei com o termo da identidade nacional. A partir do estudo do seu conceito escolhi alguns elementos, que na minha opinião, e de acordo com os estudiosos deste tema, formam a moçambicanidade. O trabalho a seguir vai tratar, com enfoque na obra do Mia Couto, destes elementos, tais como o passado colonial, a guerra pela independência do país, a cultura e a tradição Africana autóctone, a oralidade, a peculiaridade e a individualidade de um povo que durante muito tempo sofreu as injustiças.

## 2. Mia Couto

### 2.1. Vida

Preciso ser um outro  
para ser eu mesmo

Sou grão de rocha  
Sou o vento que a desgasta

Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando  
o sexo das árvores

Existo onde me desconheço  
aguardando pelo meu passado  
ansiando a esperança do futuro

No mundo que combato  
morro  
no mundo por que luto  
nasço

(Identidade - Mia Couto)<sup>1</sup>

Antônio Emílio Leite Couto nasceu em 5 de Julho de 1955 na cidade de Beira, Província de Sofala, Moçambique, como filho de dois jovens portugueses que na primeira metade do século XX saíram de Portugal para procurar uma nova vida em Moçambique. O seu pai, Fernando Couto, provinha do Rio Tinto, era jornalista e poeta, e a mãe nasceu numa aldeia de Trás-os-Montes, era filha abandonada pela mãe e recolhida por um padre. Mia Couto tem dois irmãos, Fernando e Armando. Sendo filho de portugueses, Mia Couto não possui ancestralidade na África, no entanto, cresceu entre dois mundos, o europeu e o moçambicano, e é a sua africanidade o que surpreende e chama a atenção dos críticos e dos leitores. A sua infância na África marcou profundamente a sua vida, considerando-se ele mesmo africano, visto que era África o que ele viveu e viu nos anos da sua formação. Observava desde a infância a sociedade que o rodeava, as injustiças do sistema colonial:

---

<sup>1</sup> Mia Couto, *Raíz de Orvalho*. (1977). Disponível em <http://recursos.wook.pt/recurso?&id=4870374> (acesso em 30.5.2014).

*“A mim não foi preciso que me explicassem o colonialismo: o apartheid oficialmente não existia, mas na minha turma do liceu, em trinta alunos, só dois eram negros, um deles de Cabo Verde.”<sup>2</sup>*

E a realidade quotidiana do povo que não permitia a separação de raças. Os brancos e negros compartilhavam o lugar e Mia Couto cresceu entre os dois mundos, na casa aquele europeu e na rua o africano:

*“Os bairros interpenetravam-se, os negros viviam do outro lado da rua. Sempre brinquei com crianças de outras raças. A minha mestiçagem começou assim.”<sup>3</sup>*

E é isto o que Mia Couto afirma ser, um mestiço, não pela cor da pele, mas pela cultura que recebeu. Pelas histórias que ouvia nesta época da sua vida, as quais o influenciaram tanto. Mia Couto afirma ser uma pessoa que se encontra entre dois mundos, que se sente africano com antecessores europeus:

*“Sou um ser de fronteira... sou um escritor africano, branco e de língua portuguesa.”<sup>4</sup>*

Já aos dois anos da idade revelou um traço da sua personalidade, que hoje é um dos mais destacados da sua obra - a sua capacidade de reinvenção de língua. Desde criança adorava os gatos e visto que o seu irmão não sabia pronunciar o nome dele autobotizou-se e acolheu o nome Mia.

Aos catorze anos publicou os seus primeiros poemas no jornal *Notícias de Beira*. Numa entrevista com Lola Huete Machado publicada em *El País* menciona, que o olhar poético que também aparece na sua prosa sempre tem sido o seu destino, devido a duas razões:

*“Primeiro porque eu sou filho de um poeta, um que não o era só porque escrevia, mas porque o era na sua alma...Ele me ensinou essa sensibilidade, essa maneira de ver o mundo. (...) E segundo, porque sou parte de uma sociedade com vozes diferentes, sou filho dessas vozes: algumas procedem de África; outras, de Europa, e isso encantou-me... Assim*

---

<sup>2</sup> Duarte, Ricardo Luís. *As sete vidas de um escritor*. Jornal de Letras, Artes e Ideias, ano 33, n. 1114 (Junho de 2013), p.8.

<sup>3</sup> Idem, p.8.

<sup>4</sup> Idem, p.9 .

*que foi uma doença congénita, uma fatalidade. A poesia estava aí, eu não o decidi, ela apoderou-se de mim.”*<sup>5</sup>

Mia Couto fez os estudos secundários em Beira e em 1971 foi para Lourenço Marques (atual Maputo) para frequentar o Curso de Medicina, onde também participava em militância estudantil. Alistou-se durante a guerra civil ao partido de FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), interrompeu os estudos de medicina ao pedido do partido em 1975 para se infiltrar na imprensa e lutar de esta maneira contra o sistema colonial. Trabalhou primeiro em *Tribuna* com Rui Knopfli, com a independência tornou-se o diretor da Agência de Informações de Moçambique (AIM)<sup>6</sup>, da revista semanal *Tempo* (1979 a 1981) e do jornal *Notícias* (1981 a 1985). Sobre o fato de ser filho de portugueses e lutar contra a pátria dos seus pais falou na entrevista com Jonas Furtado em revista *Isto É* em 2007<sup>7</sup>:

*„Sim, havia dúvida, mas meus pais tiveram uma grande generosidade nesse aspeto: mesmo sendo portugueses, eles me criaram como sendo parte de Moçambique. E perceberam que eu estava sacudindo o pilar de um edifício que, um dia, ia cair também em cima deles. Reconheço isso como uma grande dádiva dos meus pais. Minhas dúvidas já estavam resolvidas quando era adolescente.“*

Em 1985 afastou-se da jornalística para voltar a ingressar na universidade, esta vez para se formar em biologia na Universidade de Eduardo Mondlane. Devido à sua necessidade de comunicar e informar sobre a condição do país mantinha a colaboração com jornais e redes de Rádio e Televisão. Participou também num grupo de teatro *Mutumbela Gogo* produzindo textos teatrais para ele. Em 1989 terminou os estudos de biologia e especializou-se na área de ecologia. Atualmente reside em Maputo e além de escrever, dirige uma empresa de estudos de impacto ambiental.

---

<sup>5</sup> Machado, Lola Huete. *Mia Couto: “En África no es que se viva un realismo mágico, es realismo real”*. *El País* (Setembro de 2013), [http://elpais.com/elpais/2013/09/27/eps/1380282368\\_900161.html](http://elpais.com/elpais/2013/09/27/eps/1380282368_900161.html) (acesso em 30.5.2014).

<sup>6</sup> Trabalhou lá entre anos 1976 e 1979.

<sup>7</sup> Furtado, Jonas. *Mia Couto: Não à reforma ortográfica. Isto É*. N. 1978,(2007), [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3254\\_NAO+A+REFORMA+ORTOGRAFICA?pathImage ns=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3254_NAO+A+REFORMA+ORTOGRAFICA?pathImage ns=&path=&actualArea=internalPage) (acesso em 2.6.2014).

## 2.2. Obra

Mia Couto é autor de uma vasta obra literária de vários géneros, entre eles romance, novela, conto, poesia e literatura infantil. No ano de 1983 estreou com o livro de poemas *Raiz de Orvalho*, obra com a qual rompe com o pamfletarismo da poesia moçambicana de pós-independência e canta o amor e a intimidade desse amor. Reconhece ele mesmo, que o primeiro dos seus dois livros de poesia foi o ponto de partida da sua expressão criativa.<sup>8</sup>

Seguiu por um livro de contos intitulado *Vozes Anoitecidas*, premiado com o Grande Prémio da Ficção Narrativa pela Associação dos Escritores Moçambicanos e publicado pela editora Caminho em 1986, e em 1990 publicou o seu segundo livro de contos, *Cada homem é uma raça*. Em 1988 publicou *Cronicando*, livro que resultou do seu trabalho de jornalista, e finalmente em 1992 o seu primeiro romance *Terra Sonâmbula*, livro que foi considerado por um júri na Feira Internacional de Zimbabwe um dos melhores doze livros africanos do século XX. Além de *Terra Sonâmbula* escreveu mais treze romances: *A Varanda do Frangipani* (1996), *Mar me Quer* (1998), *Vinte e Zinco* (1999), *O Último Voo do Flamingo* (2000), *O Gato e o Escuro* (2001), *Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra* (2002), *A Chuva Pasmada* (2004), *O Outro Pé da Sereia* (2006), *O Beijo da Palavrinha* (2006), *Venenos de Deus, Remédios do Diabo* (2008), *Jesusalém* (2009) e o seu último, *A Confissão de Leoa* (2012).

Mia Couto já recebeu pela sua criação literária vários prémios, entre eles o mais recente Prémio Camões de 2013. A sua obra, além de destacar pelo seu valor estético e a sua maneira única de invenção poética é comprometida com a África, nomeadamente com a sua terra natal, Moçambique. O autor reflete nos seus livros a cultura, a história e a realidade do país em que se formou.

---

<sup>8</sup> Cavacas, Fernanda. *Mia Couto: Acrediteísmos*. (Lisboa: Mar além, 2001).

### 3. História de Moçambique

#### 3.1. A origem do país e a sua colonização

Há 4 mil anos A.C. a Saará começou a secar, fato que pôs em movimento as tribus africanas hoje chamadas bantu, que mudaram completamente a superfície da África. Os primeiros bantus chegaram ao território moçambicano no século II D.C. Junto com o seu traslado as tribus divulgavam a sua cultura e conhecimento. Construíam casas de pedra, introduziam atividades agrícolas e pecuárias e difundiam a sua experiência com a metalurgia do ferro. Antes do século VI as tribus estabeleceram relações comerciais com os árabes, trocando marfim e ouro por diferentes artigos, e depois da admissão do islão pelos árabes no século VII a costa oriental africana ficou sob a influência árabe.<sup>9</sup>

O fim do século XV e o início do século XVI marcam uma ruptura na história de África por causa dos acontecimentos e forças de origem não africanas. A primeira delas, e a mais significativa para Moçambique foi a expansão marítima das nações do oeste da Europa: Espanha e Portugal. As condições para a expansão colonial tornaram-se maduras primeiro em Portugal. Afonso III. acabou com a reconquista da sua terra em 1249 conquistando os últimos territórios dos mouros em Algarve. O marco inaugural da expansão marítima sob a bandeira cristã é a conquista da Ceuta em 1415. Desde então a presença dos europeus é uma constante no continente africano.

Durante as lutas de Reconquista em Portugal fortaleceu-se a ideia do estado e da nação como uma luta permanente entre os cristãos e os islões. E desta maneira, os capitães portugueses armados com as caravelas e invenções como astrolábio, bússola e quadrantes estavam preparados para difundir a fé e a cultura cristã pelo mundo. Sem dúvida, foi só uma escusa para poder estabelecer de novo os contactos com o mercado asiático depois do fechamento da Rota de Seda no século XV.

No ano de 1497 Vasco da Gama partiu de Lisboa, circunavegou o Cabo da Boa Esperança e no Natal deste ano a sua frota descobriu a até então desconhecida costa do Natal. No início do ano de 1498 como o primeiro europeu, Gama navegou ao longo de costa da África oriental. Ali os navegantes encontraram-se pela primeira vez em territórios civilizados, dadas as relações mercantis daqueles povos com os árabes. Vasco de Gama

---

<sup>9</sup>Klíma, Jan. *Dějiny Mosambiku*. Praha (Nakladatelství Lidové noviny, 2010). p. 12 – 15.

reparou no uso dos metais e no vestido de seda que levavam os indígenas. Os vestígios de influências arábicas e islâmicas estavam presentes na costa.<sup>10</sup>

Portugal, que na época era uma terra pouco povoada, tinha como objetivo principal a Índia, e o lucro ganho do mercado com as especiarias. O maior valor da costa moçambicana consistia na sua posição estratégica como uma estação de abastecimento e descanso para os navios que navegavam até à Índia. Deste modo, Moçambique não foi sistematicamente colonizado como aconteceu no caso do Brasil<sup>11</sup>.

No entanto, seguiram-se cinco séculos de espoliação dos recursos naturais da África e de roubos da riqueza mais importante dela - do povo africano. Segundo Davidson foi então quando se formou o desprezo mútuo entre os europeus e os africanos.<sup>12</sup> Há de salientar, que o continente preto servia para os conquistadores apenas como uma fonte de mão-de-obra, primeiro escrava, mais tarde barata, e ficou nesta posição durante séculos, nem o vigésimo século foi capaz de transformá-lo completamente.

Na primeira década do século XVI os portugueses ocuparam apenas a costa, construindo fortalezas de Sofala e de Ilha de Moçambique. Só uns vinte anos mais tarde penetraram para o interior e construíram algumas feitorias com o propósito de controlar as zonas onde se encontrava ouro. Outros artigos de interesse passaram a ser o marfim e os escravos. Mais tarde, o mercado com estes produtos realizou-se mediante o sistema de Prazos, que a partir do ano de 1646 começaram a ser realizados pelos portugueses nestes territórios<sup>13</sup>.

Depois da Conferência de Berlim que teve lugar entre 1884 e 1885, Portugal foi obrigado a começar com a “ocupação efetiva” do território. Para realizá-la ajudou também o fato de Portugal perder a colónia que lhe trazia mais lucro – o Brasil. Ainda assim, Portugal não foi capaz, dada a sua situação económica e a incapacidade militar, colonizar o território por sua conta. Em consequência foram fundadas algumas companhias majestáticas e arrendatárias que funcionavam como países dentro do país. Ocupavam-se de alargamento territorial e do desenvolvimento de economia, sobretudo no norte e no interior do país. Exemplo delas é a Companhia de Moçambique fundada em 1888, ou a Companhia

---

<sup>10</sup>Idem, p. 20 – 23.

<sup>11</sup>Idem.

<sup>12</sup>Davidson, Basil. (Praha : Orbis, 1972).

<sup>13</sup>Segundo Klíma, prazo designa: „lhůta“, feudální doména v Zambézii udělovaná do vlastnictví na lhůtu tří generací.

do Nyassa. Há de salientar-se que eram companhias com o capital britânico, belgíco ou francês. A administração do território foi assim repartida entre o governo português que se ocupava do sul do país, e os empresários internacionais. A ocupação não foi fácil nem ocorreu sem violência. A chamada “pacificação” do Moçambique foi conseguida então só no século XX.<sup>14</sup>

### 3.2. Descolonização e Independência

As condições de trabalho para os indígenas em Moçambique antes da primeira Grande Guerra encontravam-se no nível muito baixo. Os empresários e os oficiais abusavam da sua posição e aproveitavam-se dos negros que eram obrigados a horas e horas de trabalho e tinham que enfrentar diversos perigos no trabalho, os seus salários já bastante baixos eram sistematicamente reduzidos. Os apelos dos indígenas não eram ouvidos. A diversidade étnica, a diferença enorme entre a prosperidade das comunidades dos brancos (p.ex. Lourenço Marques) e a posição dos negros nas cidades ou no campo ainda pioravam a situação.<sup>15</sup>

No ano 1928, António de Oliveira Salazar tornou-se o primeiro ministro português. Sob a sua influência o regime militar na passagem dos anos 30 e 40 aumentou o controle das colónias. A Carta Orgânica do Império Colonial Português do ano de 1933 dividiu os habitantes em “indígenas” e “não-indígenas”. Graças à política imigratória (não muito bem sucedida) o número de habitantes brancos na terra aumentou e o país começou a modernizar-se lentamente.<sup>16</sup>

A segunda Grande Guerra debilitou as potências coloniais europeias e alimentou o aparecimento dum novo sistema político com acento em democracia, socialismo e liberdade.<sup>17</sup> Estas ideias penetravam à África e as tendências de descolonização intensificavam-se. Portugal em 1951 ratificou a revisão da Constituição de 1933 em que denominou os territórios ultramarinos não como “colónias”, senão como “províncias” do Portugal unido<sup>18</sup>. No entanto, as relações com a África pioraram em 1954 quando Portugal aceitou o “Estatuto do Indígena”. Este dividia os habitantes em: 1.) *indígenas*, sem

---

<sup>14</sup>Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique/resHistorico> (acesso em 10.6.2014).

<sup>15</sup> Klíma, Jan. *Dějiny Afriky: vývoj kontinentu, regionů a států*. (Praha: Lidové noviny, 2012), p. 324 – 326.

<sup>16</sup> Klíma, Jan. *Dějiny Mosambiku*. (Praha : Nakladatelství Lidové noviny, 2010). p. 161 – 163.

<sup>17</sup> Klíma, Jan. *Dějiny Afriky: vývoj kontinentu, regionů a států*. (Praha: Lidové noviny, 2012), p. 273.

<sup>18</sup> Revisão publicada em Diário do Governo, (dia 11 de Junho de 1951).  
<http://dre.pt/pdf1sdip/1951/06/11701/04070412.pdf> (acesso em 13.6.2014).

qualquer direito civil; 2.) *não indígenas*, ou seja os brancos e 3.) *assimilados*, africanos civilizados, alfabetizados. O sistema guardava a superioridade da raça branca e deste modo também o racismo.

Portugal passou a ser criticado pelas potências mundiais e pela ONU, a situação mundial que caminhava em direção à democracia já não permitia o sistema colonial. África portuguesa entrou no processo de descolonização e da libertação. Africanos começaram a formar movimentos pela Independência - Movimento Anti-Colonialista (MAC) que no ano de 1960 em Tunísia transformou-se em Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional (FRAIN)<sup>19</sup>. Em Moçambique despertava-se a consciência nacional, Adelino Gwambe fundou no ano de 1959 Partido de União Nacional (PUN), em 1960 apareceu o Movimento Democrático de Moçambique (MODEMO). A partir de PUN surgiu no ano de 1960 UDENAMO, União Democrática Nacional de Moçambique, em Fevereiro de 1961 foi fundada a Mozambique African National Union (MANU) e no mesmo ano apareceu a União Nacional Africana de Moçambique Independente (UNAMI). Porém, forças repartidas entre todos estes movimentos impediam qualquer luta. Finalmente a 25 de Julho de 1962 Eduardo Modlane juntou UDENAMO, MANU e UNAMI em FRELIMO<sup>20</sup>, Frente de Libertação de Moçambique. O primeiro objetivo da frente passou a ser a libertação da pátria. No primeiro momento, queria realizá-la por via pacífica, o que mais tarde se mostrou impossível. FRELIMO entrou em luta de maneira guerrilheira no dia 25 de Setembro de 1964.<sup>21</sup>

A guerra pela libertação de Moçambique durou 10 anos, nos quais FRELIMO passo a passo, e de maneira nada pacífica, libertava o território moçambicano. Porém as forças de FRELIMO e das Forças Armada Portuguesas eram mais ou menos equilibradas, e por isso uma solução política era necessária. Terminou no dia 7 de Setembro de 1974 quando os representantes do governo português e de FRELIMO, como consequência da Revolução dos Cravos ocorrida em Portugal no dia 25 de Abril, assinaram em Lusaca o acordo, segundo o qual se formou o governo de trânsito.<sup>22</sup> A supremacia neste governo pertencia aos moçambicanos. No dia 25 de Junho de 1975 Samora Moisés Machel proclamou a

---

<sup>19</sup> Klíma, Jan. *Dějiny Afriky: vývoj kontinentu, regionů a států*. (Praha: Lidové noviny, 2012), p. 325.

<sup>20</sup> Idem, p. 326.

<sup>21</sup> Klíma, Jan. *Dějiny Mosambiku*. (Praha : Nakladatelství Lidové noviny, 2010), p. 182.

<sup>22</sup> Idem, p. 204 – 206.

independência com a soberania de só um partido permitido – FRELIMO - e tornou-se o primeiro presidente de Moçambique.<sup>23</sup>

Depois da independência FRELIMO ratificou a Constituição de modelo soviético e lançou a política de reformas bastante radicais segundo este modelo. Na terra depois da partida dos brancos faltava a “mão-de-obra” qualificada, os setores de saúde e da agricultura entravam em colapso. Ainda por cima, a Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) foi formada como uma organização política anticomunista, que se opunha ao governo e à situação na qual se encontrava o país.<sup>24</sup> Eles começaram a operar desde Rodésia e desta maneira, Moçambique entrou em Guerra Civil, conhecida como Guerra de desestabilização de Moçambique.

Em 1986 o presidente Samora Machel morreu. O novo presidente Joaquim Alberto Chissano iniciou no ano de 1987 o Programa de Reabilitação Económica<sup>25</sup> com a tentativa de acalmar a situação, mas ainda assim RENAMO seguiu com os ataques a aldeias, comboios, escolas e igrejas. A situação chegou a tal ponto que no ano de 1989 FRELIMO renunciou ao marxismo. Em 1990 República Popular de Moçambique acolheu o nome de República de Moçambique.<sup>26</sup>

O Acordo Geral de Paz entre FRELIMO e RENAMO foi assinado em Roma no dia 4 de Outubro de 1992.<sup>27</sup> A partir de então, o poder está em mãos destes dois partidos, em maior parte nas de FRELIMO. O maior problema da república passou a ser a corrupção, crescimento enorme de população com o qual o novo sistema não sabe lidar, a pobreza e catástrofes naturais.

Nas últimas eleições, que tinham lugar no ano 2009, Armando Guebuza, candidato de FRELIMO ganhou com 75% de votos, o partido conseguiu 191 deputados. RENAMO conseguiu só 49 deputados e MDM – Movimento Democrático de Moçambique, fundado em 2009, 8 deputados.<sup>28</sup>

Hoje talvez surja um novo problema para Moçambique: RENAMO anunciou o fim do Acordo da Paz de 1992 depois do que as forças governamentais em Outubro de 2013

---

<sup>24</sup> Klíma, Jan. *Dějiny Afriky: vývoj kontinentu, regionů a států*. (Praha: Lidové noviny, 2012), p. 463.

<sup>25</sup> Idem, p. 464.

<sup>26</sup> Klíma, Jan. *Dějiny Mosambiku*. (Praha : Nakladatelství Lidové noviny, 2010), p. 226 – 229.

<sup>27</sup> Idem, p. 231.

<sup>28</sup> Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es\\_gerais\\_em\\_Mo%C3%A7ambique\\_em\\_2009](http://pt.wikipedia.org/wiki/Elei%C3%A7%C3%B5es_gerais_em_Mo%C3%A7ambique_em_2009).

tomaram a sua base na Gorongosa.<sup>29</sup> Assim, que depois de quase quarenta anos, Moçambique está outra vez na porta duma guerra civil.

---

<sup>29</sup> Disponível em <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=689768&tm=7&layout=122&visual=61> (acesso em 13.6.2014).

## 4. Identidade

### 4.1. Nação e Identidade

Antes de falar sobre a questão da literatura nacional, convém mencionar, a definição dos conceitos de nação e nacionalidade. A resposta que mais frequentemente encontramos nas páginas web constata, que a nação é sempre resultado da história, que se desenvolve durante séculos e está ligada ao homem e o seu sentimento de pertencer a um grupo de pessoas com as quais compartilha território, história, cultura e língua. Vejamos em continuação uma resposta escolhida de um texto especializado:

“ (A nação é) conceito, (que) desde um ponto de vista do indivíduo, está associado a um grupo mais ou menos extenso de indivíduos que compartilham o sentimento de pertinência a essa nação, a qual está quase sempre associada a um território concreto.”<sup>30</sup>

Krč e Esparza acrescentam que poucos estudiosos estarão contra esta definição básica da nação, mas que o acordo entre eles não nega a complexidade da sua problemática. Esta aparece no momento de definir quem são os indivíduos deste grupo, ou seja que critérios e limites temos de aplicar para determinar a pertinência a um grupo nacional e, logo, quais são os limites para definir se um grupo é nacional, regional ou de outro tipo.

Com o conceito da nação está fortemente ligado o conceito da identidade nacional. Tutikian, por exemplo, explica: “O conceito de nação se fixa nos fundamentos de identidade...”<sup>31</sup> Assim que poderíamos considerar o conjunto de identidades (nacional, cultural, social e incluso individual) junto com a delimitação territorial como os elementos formativos de uma nação.

Barbosa, da Silva e Lacourt<sup>32</sup> também tratam o tema da identidade nacional, baseando-se no trabalho de sociólogo e grande teórico da identidade – Stuart Hall. Este afirma que a identidade não é fixa nem estável, depende de um determinado lugar, do contexto social e histórico. A identidade nacional do lugar em que um indivíduo nasce

<sup>30</sup> Esparza, Daniel, Krč Eduard. *Literatura e la identidad nacional: Un estudio del Otro en la novela Trafalgar de Galdós.* (Olomouc: Univerzita Palackého v Olomouci, 2011), p. 19.

<sup>31</sup> Tutikian, Jane. *Questões de identidade: a África de língua portuguesa. Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p.37 – 46, (2006) <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/613/444> (acesso em 2.6.2014).

<sup>32</sup> Barbosa, M. H. S., da Silva, R. A. C. e Lacourt, G., *Múltiplas Vozes de Vinte e zinco e a identidade cultural de Moçambique. Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. v. 7, n. 1 (2011) <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/1914> (acesso em 25.5.2014).

determina ou pode determinar a sua identidade cultural. Quando um sujeito procura definir a si próprio, a identidade nacional é um dos fatores mais relevantes. Explica, porém, que as identidades nacionais, ainda que pensemos que são parte da nossa natureza essencial, não são algo com que nascemos, mas se formam e transformam durante a nossa vida. No entanto, isto não implica que sejam menos importantes para a nossa autodefinição.<sup>33</sup>

A nação não é só uma entidade política, não se baseia simplesmente na existência de um estado, senão é formada pelo conjunto de vários fatores, é “um sistema de representação cultural.<sup>34</sup>” Assim, o povo não adota a identidade nacional apenas no sentido de ser um conjunto de cidadãos de um estado, mas bem o estado, de certa maneira, é representado pelos seus habitantes, sendo ele que adota as identidades culturais que formam a parte de identidade nacional.

Os elementos constituintes da nação podem ser divididos em fatores objetivos e fatores subjetivos. Entre os objetivos contamos a cultura, origem e raça e entre subjetivos a consciência deste grupo de pessoas que formam a nação e que são uma comunidade homogênea. É este segundo fator que é essencial para a nação, para a união entre os seus membros: um fator psicológico que significa um desejo de formá-la, de compartilhar o presente e o futuro comum.

#### **4.2. Identidades nacionais nas sociedades pós-coloniais**

No espaço moçambicano encontramos-nos perante uma sociedade formada a partir da desigualdade que existia desde o princípio entre o colono e o colonizado. As duas raças, branca e negra, compartilhavam o mesmo espaço geográfico, porém não foi assim com a língua, religião, nem os interesses económicos. Dentro desta sociedade acontece um choque de culturas, fato que causa uma tensão permanente entre o “superior” e o “primitivo”. O colonizador tenta construir a imagem de uma outra pátria, não misturar-se com o povo colonizado mas mesmo silenciá-lo, estabelecer a cultura da sua pátria no

---

<sup>33</sup> Hall, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (2006), pp. 47, Apud: Barbosa, M. H. S., da Silva, R. A. C. e Lacourt, G., *Múltiplas Vozes de Vinte e cinco e a identidade cultural de Moçambique*. *Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/1914> (acesso em 25.5.2014).

<sup>34</sup> Idem.

espaço que não lhe pertence, considerando o negro atrasado. O colonizado, por sua vez tenta resistir e manter a sua cultura.<sup>35</sup>

O colonialismo, na sua essência, é um sistema cheio de contradições. Por um lado representa a negação da individualidade e personalidade do colonizado em todos os aspetos. Significa a repressão, exploração económica, negação da própria nacionalidade dos colonizados. Proíbe e reprime a cultura e a identidade original, obriga a uma cultura e identidade que são idênticas com as do colonizador. Muda os hábitos e costumes em todos os aspectos sociais – vestuário, culinária, sistema jurídico, ordem social, língua.<sup>36</sup> Por outro lado, mais tarde, ainda que o processo seja muito lento, alguns membros da comunidade colonizada aprendem a língua de dominação, abrem-se algumas escolas e desta maneira melhora a educação e se permite que estes membros ascendam à educação secundária e depois ao ensino universitário. No caso de Moçambique este processo é visível a partir dos meados do século XIX. Aparece uma burguesia mestiça e negra e no mesmo momento instala-se o prelo, nasce a imprensa oficial, jornalismo e com ele textos de alguns valores literários que mais tarde resultam em literaturas propriamente ditas. Segundo Manuel Ferreira, o ato de escrever literatura marca o momento em que os indivíduos aburguesados já estão integrados totalmente no sistema colonial. De certa maneira, rompem com a sua identidade original e formam uma nova, afastando-se de serem homens puramente africanos. Os valores que passam a ter força e prestígio na sociedade são agora europeus, estamos a observar uma nova realidade, uma mistura de sociedade europeia e africana, pois, da segunda o africano não pode fugir completamente. Assim, no espaço pós-colonial, falando sobre a identidade, é preciso ter em conta os dois homens que estavam presentes lá - o homem branco, o europeu, e sobretudo o homem negro, o africano.

Este negro burguês assimilado, “aculturado”, é precisamente a cápsula de consciencialização nacional seguinte. São eles que “com o rodar dos anos vão adquirindo consciência da sua própria dependência e da sua apagada individualidade”<sup>37</sup> e começam a

---

<sup>35</sup> Otinta, Jorge de Nascimento; *Mia Couto: Memória e Identidades em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. (São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008)  
[https://www.google.cz/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8156%2Ftde-01092008-160730%2Fpublico%2FDISSERTACAO\\_JORGE\\_DE\\_NASCIMENTO\\_NONATO\\_OTINTA.pdf&ei=\\_mahU9iSNqXoywO3r4HgDw&usg=AFQjCNFNdk5Xd-ucI4wAY6ZsMrZAhFhUFg&sig2=WCN7ijGEeLj-31CFgQ-Uw](https://www.google.cz/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8156%2Ftde-01092008-160730%2Fpublico%2FDISSERTACAO_JORGE_DE_NASCIMENTO_NONATO_OTINTA.pdf&ei=_mahU9iSNqXoywO3r4HgDw&usg=AFQjCNFNdk5Xd-ucI4wAY6ZsMrZAhFhUFg&sig2=WCN7ijGEeLj-31CFgQ-Uw) (acesso em 18.6.2014).

<sup>36</sup> Ferreira, Manuel; *O Discurso no Percurso Africano I*. (Venda Nova: Plátano Editora, 1990), pp.31.

<sup>37</sup> Idem.

construir o alicerce da identidade e independização nacional. Cansados da situação colonial, da sua violência física e psicológica, revoltam-se contra o Outro, contra os colonizadores portugueses que adquiriram a posição social elevada numa sociedade que lhes é alheia. Reclamam o que é seu, o seu território e a cultura. O colono criou o colonizado e este acaba destruindo o sistema colonial imposto.

Porém, apesar de a guerra de libertação ser “antes de mais, um ato de (libertação de) cultura”<sup>38</sup>, pensamos que não se pode falar no caso dos países pós-coloniais sobre uma ruptura total com a cultura, e assim com a identidade que tinha sido imposta durante cinco séculos. Conforme mencionamos, a identidade nacional é representada pela suma de vários elementos, um deles, sem dúvida, é o elemento de história. O colonialismo forma parte desta história moçambicana e seria em vão tentar negar que as raízes da situação atual, que também forma parte da identidade nacional, se encontram no colonialismo. Quinhentos anos da colónia, uma década de luta contra o colonialismo e as consequências destes factos sobrevivem na memória do povo e abrem caminho para a formação de identidade nacional moçambicana.

### 4.3. Literatura como expressão de nação e nacionalidade

*“O nascimento de uma literatura nacional é contemporâneo do nascimento da própria nacionalidade.”*

(Mia Couto, 2002)<sup>39</sup>

Segundo Krč e Esparza, “a relação entre a literatura e a identidade nacional torna-se evidente a partir do mesmo momento em que se fala sobre a literatura francesa, espanhola, norte-americana ou mexicana querendo agrupar assim a um grande número de obras e

<sup>38</sup> Cabral, Amílcar apud Otinta, Jorge de Nascimento; *Mia Couto: Memória e Identidades em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. (São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008). [https://www.google.cz/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8156%2Ftde-01092008-160730%2Fpublico%2FDISSERTACAO\\_JORGE\\_DE\\_NASCIMENTO\\_NONATO\\_OTINTA.pdf&ei=mahU9iSNqXoywO3r4HgDw&usq=AFQjCNFNDK5Xd-ucI4wAY6ZsMrZAhFhUFg&sig2=WCN7ijGEeLJj-31CFgQ-Uw](https://www.google.cz/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8156%2Ftde-01092008-160730%2Fpublico%2FDISSERTACAO_JORGE_DE_NASCIMENTO_NONATO_OTINTA.pdf&ei=mahU9iSNqXoywO3r4HgDw&usq=AFQjCNFNDK5Xd-ucI4wAY6ZsMrZAhFhUFg&sig2=WCN7ijGEeLJj-31CFgQ-Uw) (acesso 18.6.2014).

<sup>39</sup> Marilene Felinto, *Mia Couto e o Exercício da Humildade*. Trechos publicados em Folha de São Paulo no caderno Mundo, (2002) <http://www1.folha.uol.com.br/foalha/mundo/ult94u43519.shtml> (acesso em 13.6.2014).

autores representativos e influentes de diferentes épocas relacionadas com um Estado – Nação correspondente.<sup>40</sup>

Literatura, formando parte de um processo comunicativo em que se transmite a informação do autor ao leitor, possui uma capacidade de guardar informações, representar as ideias do autor, esconder na sua amplitude acontecimentos, pensamentos, mesmo uma época. Ela forma parte de cultura, seja individual, seja nacional e já que a cultura é sempre um termo relacionado com o homem, a literatura transmite as informações desde o ponto de vista de um homem. É um produto fabricado pelo homem. Por isso pensamos, que ainda que haja tentativas de esquecer o humano na criação de uma obra literária, nunca podem ser realizadas perfeitamente, dado que sempre é escrita por este. A literatura reflete a humanidade, a nossa sociedade, a psicologia dos homens. Ouvimos com frequência o termo de Literatura Nacional. Conforme Krč e Esparza, trata-se de um termo problemático, visto que algumas literaturas nacionais não compartilham a mesma língua e ainda mais, a problemática pode aparecer no momento de decidir se o papel principal para determinar certa nacionalidade tem o escritor, ou o espaço, ou a temática sobre a qual escreve. Lembremos o caso do Padre António Vieira. A sua obra pertence à literatura brasileira ou à literatura portuguesa? Sobretudo nos países pós-coloniais esta questão torna-se ainda mais problemática, posto que a presença do Outro impede a evolução da estética autóctone e os escritores escrevem segundo aquela que lhes foi imposta como correta.

Segundo Alós , “o estabelecimento de um cânone literário de uma nação não é apenas um projeto estético, mas também um projeto político, projeto este que está permeado de interesses relativos à construção de uma imagem mais ou menos definida da identidade nacional.”<sup>41</sup> Assim que não é surpreendente que a literatura nos países hoje em dia pós-coloniais tenham sido a arma para combater o colonizador. Formar a sua própria estética literária significava mais um passo de alheamento do colonizador e da violência por ele realizada. Retomamos a ideia de burguês negro de Manuel Ferreira acima mencionada para explicar a forma de lutar através da literatura no espaço geográfico moçambicano. Esta burguesia, no lento processo de aquisição da consciência nacional

---

<sup>40</sup> Esparza, Daniel, Krč Eduard. *Literatura e la identidad nacional: Un estudio del Otro en la novela Trafalgar de Galdós.* (Olomouc: Univerzita Palackého v Olomouci, 2011), p. 16.

<sup>41</sup> Alós, Anselmo Perez. 2012. *Identidade nacional em tempos de pós-colonialidade lendo a moçambicanidade nos romances de Mia Couto.* Letras, Santa Maria, v.22, n.45, p. 65-82. [http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos\\_r45/artigo\\_4.pdf](http://w3.ufsm.br/revistaletas/artigos_r45/artigo_4.pdf) (acesso em 19.6.2014).

chega a um momento, em que um sentimento de pertencer ao espaço moçambicano começa a evidenciar-se claramente em obras de alguns poetas, apesar do ambiente de forte opressão. Mais tarde encontrámo-lo na obra dos prosadores, e pouco e pouco vai influenciando outros, que logo se organizam em pequenos grupos. Até que estes escritores “sensíveis” se reúnem em torno de revistas e começam a divulgar as suas ideias aos demais.<sup>42</sup> Formadas as condições para a transformação do sentimento nacional em consciência da identidade nacional, o colonizador, apesar de tentar destruir a surgente ideia por meio de censura ou até repressões violentas, não o consegue. Pois estas só fortificam o sentimento de pertencer ao mesmo grupo. Ele próprio tinha semeado as bases da moçambicanidade, pois dividindo a sociedade em brancos, indígenas e assimilados, ele marcou a diferença entre Nós e Vós, entre o Outro e o Autóctone respetivamente. E agora só falta desfrutar a colheita.

Em continuação, os escritores percebem cada vez mais o abismo que existe entre as duas nações, não empregando o termo raça, visto que a cor de pele não determina a moçambicanidade de um indivíduo. Rejeitam o Outro e submetem a sua literatura a uma situação nova – à tentativa de reconquistar a identidade independentemente do Outro. Segundo Ferreira, ao conseguir a independência nacional, reconstrui-se a plena individualidade dos escritores e elimina-se a dependência do colono. O crítico admite, que esta individualidade é relativa, referindo-se à aspeto linguístico e literário, por causa de não poder deixar atrás e esquecer completamente os modelos seguidos durante muito tempo.

#### **4.4. Literatura moçambicana – procura de uma identidade**

Na literatura moçambicana atual está presente um desejo, ou melhor poderíamos chamá-lo uma necessidade. Os escritores precisam de criar e afirmar a existência independente de um país e da nacionalidade da gente que povoa este país – Moçambique. Rosa Adanjo Correia no seu trabalho *A literatura moçambicana e a busca de representação da „moçambicanidade“* afirma que este objetivo é realizado através de vários processos como é, por exemplo, a desconstrução linguística do português padrão, rejeição do mundo racional ou inserção do mundo mitológico africano na sua criação. Estes autores pretendem fixar a sua africanidade, valorizar o mundo africano e o negro que pertence a este mundo.

---

<sup>42</sup> Ferreira, Manuel, *O Discurso no Percorso Africano I*. (Venda Nova: Plátano, 1989), p.31.

Indiscutivelmente, esta tendência aparece na literatura moçambicana já na primeira metade do século XX. Ornelas divide a literatura moçambicana, reconhecendo as dificuldades que desta tarefa, em três períodos: aquele anterior à luta pela independência, o período que abraça a luta pela independência e o último, pós-colonial, o período de independência.

Uma divisão similar fizeram-na também Fonseca e Moreira, dividindo a literatura em fase colonial, nacional e fase pós-colonial. As autoras ainda acrescentam a definição dos períodos respetivos: Os escritores da primeira fase são os pioneiros, porém não menos importantes na formação da identidade moçambicana. Não se interessam pela forma da sua obra mas pelo conteúdo desta. Chamam a atenção para os problemas que resultaram do domínio colonial, para as realidades sociais concretas relacionadas com o africano, mestiço e negro no espaço colonial e português. Aparece a temática da nacionalidade em forma de uma resistência do povo africano à ocupação portuguesa, de reivindicações sociais do espaço colonial ou de uma volta à oralidade e mitologia tradicionais. Os autores denunciam o autoritarismo do Estado colonial e a opressão exercida no povo pelas instituições, em total, descrevem o povo na situação do colonialismo. Fonseca e Moreira aproveitam no seu trabalho a citação de Diaz: “O leitor é confrontado com os temas da exploração do negro, do racismo nas suas diversas formas, da violência física e psicológica à qual é sujeito o moçambicano, da duplicidade do mulato a negar as suas origens, do direito colonial a serviço do opressor, da mulher transformada num simples objeto, da idealização do Brasil em resultado da mestiçagem social.”<sup>43</sup>

A segunda fase, nacional, distingue-se pela temática política e pela literatura de combate, devido ao facto que os escritores mais produtivos desta fase militavam, de diferentes maneiras, na FRELIMO. O objetivo principal da literatura passa a ser político, até partidário. Surge também um grupo importante de escritores cuja criação literária é produzida conscientemente e o fator principal da sua obra é a nacionalidade<sup>44</sup>

No período pós-colonial a literatura, livrada do peso da luta pela autonomia, afasta-se do coletivo. Ainda que no primeiro momento as obras que aparecem estejam marcadas

---

<sup>43</sup> Diaz João, (*Godido e outros contos*). apud Fonseca, Maria Nazareth Soares; Moreira, Terezinha Taborda; Panorama das *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. p.29 [http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth\\_panorama.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf) (acesso em 1.6.2014).

<sup>44</sup> Fonseca, Maria Nazareth Soares; Moreira, Terezinha Taborda; Panorama das *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*. [http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth\\_panorama.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf) (acesso em 1.6.2014).

por uma forte ideologia da FRELIMO, pouco a pouco abandonam esta temática. Os escritores começam a produzir uma literatura individual e intimista, a forma e estética da obra literária ganham a sua importância e deste modo os escritores relatam a sua existência pós-colonial. Porém, eles não esquecem aquilo vivido no passado e também retomam o colonialismo, a guerra colonial, desta vez inspirando-se na vida quotidiana de Moçambique, nos costumes e tradições do povo e na realidade vivida. Nesta fase inserimos também a escrita de Mia Couto.

Voltando para Ornelas, ele afirma que dentro da divisão feita a partir de um fato histórico existem certas especificidades ou tendências, que agora queríamos mencionar, já que pensamos que elas formam parte da tradição literária moçambicana.

A primeira fase, que encontramos a partir da década de 40, é caracterizada pela cultura mestiça que integra a expressão literária de comunidade indígena. Ana Mafalda Leite afirma que „é de facto na década de quarenta que começam a despertar as primeiras vozes poéticas de Moçambique.“<sup>45</sup> Desde os finais da década de 50 segue a fase europeia, fase dos brancos que introduzem na literatura elementos pessoais ou a temática social. Nestes textos já está presente o compromisso com Moçambique, no sentido político e cultural. Aparece a „mensagem de denúncia ou crítica social à exploração, à violência da colonização, à condição colonial e à opressão.“<sup>46</sup>

Nas décadas seguintes podemos diferenciar outras tendências, mas ainda, conforme Ornelas, é impossível fazer uma divisão exata dos escritores moçambicanos em correntes ou fases, dado que eles próprios não se organizavam ideologicamente nem esteticamente. Sim, a maioria deles eram nacionalistas, mas não se limitavam a comprometer a sua literatura com a causa de libertação ou com a temática política. No período da guerra colonial e no início de pós-colonialismo aparece a problemática da revolta, da luta pela

---

<sup>45</sup> Leite, Ana Mafalda. *A poética de José Craiverinha*. apud Ornelas, José N. (1996). *Mia Couto no Contexto da literatura Pós-colonial de Moçambique*. Luso-Brasialian Review. University of Wisconsin Press, vol. 33(2), p. 39

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3513768?uid=3737856&uid=380303863&uid=2134&uid=380303873&uid=2&uid=70&uid=3&uid=380303863&uid=60&purchase-type=article&accessType=none&sid=21104268041973&showMyJstorPss=false&seq=3&showAccess=false> (acesso em 15.5.2014).

<sup>46</sup> Ornelas, José N. (1996). *Mia Couto no Contexto da literatura Pós-colonial de Moçambique*. Luso-Brasialian Review. University of Wisconsin Press, vol. 33(2), p. 39

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3513768?uid=3737856&uid=380303863&uid=2134&uid=380303873&uid=2&uid=70&uid=3&uid=380303863&uid=60&purchase-type=article&accessType=none&sid=21104268041973&showMyJstorPss=false&seq=3&showAccess=false> (acesso em 15.5.2014).

liberdade, da guerra e da ideologia revolucionária o que revela a importância que na época chegaram a ter os temas socialistas.

As revistas e os periódicos tinham um papel muito importante na divulgação da literatura entre o público moçambicano. No entanto, a cooperação dos escritores com as revistas não significava que se tinham que envolver com a sua ideologia. A única exceção formava a revista *O Brado Africano*, cujo empenho principal foi a construção de moçambicanidade e a elaboração de literatura nacional e ao redor da qual se reuniram os grandes nomes de luta pela independência como José Craiverinha, Noémia de Sousa ou Rui Nogar.

Imediatamente após a independência, a temática literária não abandona o campo de política, ideologia e luta. Ainda se continua com a problemática da revolução. Mais tarde, os escritores abandonam esta direção e “regressam às raízes, ao povo de Moçambique.”<sup>47</sup>

Vejamos em continuação a opinião do próprio Mia Couto em torno da situação e função das literaturas africanas na atualidade:

*“Acho que os escritores africanos têm ganho espaço da maneira certa, não por solidariedade política ou alguma outra condescendência. Estão entrando por seu valor literário. No princípio, acho que foi uma questão de moda. Em um primeiro momento, os africanos querem se afirmar pelo lado exótico, folclórico – se apegam nessa alma que lhes foi entregue pelos europeus e assumem um olhar emprestado da Europa. Esse momento passou, os escritores africanos hoje estão mais libertos, já não precisam mais fazer afirmações contra o colonizador nem proclamar sua africanidade. O escritor africano está fazendo alguma coisa que é profundamente universal. Ele está fazendo literatura, ponto final.”*<sup>48</sup>

Podemos só concordar com a opinião do escritor que, embora a função primária da literatura africana na atualidade já não seja lutar pela independência e demarcar individualidade, isso não significa que eça abandonou completamente o campo de moçambicanidade e esqueceu plenamente os traumas do passado colonial. Além disso, por causa deste passado o país, depois de se independizar, encontra-se numa situação talvez

---

<sup>47</sup> Idem, p. 40.

<sup>48</sup> Furtado, Jonas. *Mia Couto: Não à reforma ortográfica*. Isto É. N. 1978,(2007), [http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3254\\_NAO+A+REFORMA+ORTOGRAFICA?pathImage ns=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3254_NAO+A+REFORMA+ORTOGRAFICA?pathImage ns=&path=&actualArea=internalPage) (acesso em 2.6.2014).

ainda mais difícil. Falamos sobre a guerra civil. Ou seja, a questão da independência já está resolvida, mas a sociedade ainda não está plenamente consolidada.

## 5. Maneira miacoutiana de ser um moçambicano

*“Hoje eu sei: África rouba-nos o ser. E nos vaza de maneira inversa: enchendo-nos de alma”<sup>49</sup>*

Mia Couto pertence aos escritores moçambicanos que começaram a publicar a sua obra nos anos 80 do século passado. Nascido em África, viveu na sua infância o colonialismo, lutou pela independência do país, passou junto com a sua pátria pela guerra civil e finalmente saboreou a liberdade. Embora sendo descendente de portugueses brancos, nunca se considerou de outra nacionalidade do que a moçambicana. As raízes da sua futura profissão de escritor provêm da sua infância em Beira, onde se contaminou pelas histórias que ouvia na rua e em casa, posto que o seu pai foi poeta e ensinou-lhe a viver a literatura. E é este ambiente do qual o autor trata nas suas obras, a sua pátria, África, o seu povo, tradição e histórias. O escritor desenha um retrato da vida urbana e rural de Moçambique, dos costumes, dos aspetos religiosos, do sagrado, do mítico, do transcendente, da memória e da ancestralidade.<sup>50</sup> Este “contador de histórias”, contudo, não se limita a retratar o mundo africano de maneira verossímil, esconde-o no género fantástico que por sua vez guarda traços da realidade. Talvez esta característica forma parte do seu sucesso como escritor.

Segundo Pires Laranjeira há quatro marcas que tornam a obra literária de Mia Couto singular e levantam o fascínio pelos seus livros:

1. Criatividade e inventividade da linguagem
2. Realismo no traçado de ações e caracteres
3. Intromissão do imaginário ancestral e do fantástico
4. Humor

Em continuação, vamos estudar os três primeiros pontos desta caracterização, que na nossa opinião formam um conjunto de elementos, mediante os quais Mia Couto constrói e reconstrói a identidade nacional moçambicana e a história de Moçambique na sua obra,

<sup>49</sup> Mia Couto. *A Varanda do Frangipani*. (Lisboa: Caminho, 2003), p.49 – Discurso de Xidimingo, o velho português.

<sup>50</sup> Silva, Avani Sousa. *Da prosa poética aos textos de opinião: a questão da identidade em Mia Couto*. Revista Crioula, N.8, (2010), <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/55306> (acesso em 15.6.2010).

com enfoque em dois romances do escritor – *Terra Sonâmbula* (1992) e *A Varanda do Frangipani* (1996).

Ainda assim, não queremos esquecer o humor e a piada a que Mia Couto recorre frequentemente na sua obra, por isso escolhemos um fragmento do seu romance *A Varanda do Frangipani*, para mostrar brevemente a mestria com a qual percorre este campo:

*“-Sabe Nhonhoso: eu já ganhei muita desilusão com Deus.*

*-Então?*

*-Por exemplo-me: esse Deus é muito preguiçoso, você sabia?*

*-Mentira. Deus segura estrelas, milhões delas em milhões de noites. Alguma vez se cansou?*

*-Estou-lhe a dizer, o tipo é um preguiçoso.*

*-E por que diz isso?*

*-Porque ele não trabalha: só faz milagres.*

*-Desdiga isso, mano. Que isso é pecado criminal.*

*-Nem Deus quer saber do pecado. A única coisa que Deus quer, sabe qual é? Ele quer fugir do Paraíso. Pirar-se daquele asilo.*

*-Bom, lá nisso, somos parecidos com Deus.”<sup>51</sup>*

Reparemos que neste diálogo entre dois habitantes do asilo de velhos, Xidimingo, velho português enfeitado por África e o moçambicano Nhonhoso, o humor parece natural, resultante da vida e da experiência e absurdidade que esta traz. Porém, apesar de levantar sorriso, o conteúdo deste texto curto não se contenta só com a faceta humorística, já aqui podemos encontrar vestígios do estilo miacoutiano: jogo com as palavras, fala popular, carga poética e a temática filosófica.

### **5.1. Criatividade e inventividade da linguagem**

O colonizador português com a chegada ao território moçambicano implantou a sua língua num espaço linguístico, que já então se caracterizava por uma enorme diversidade. Atualmente existem em Moçambique, além da língua oficial portuguesa, vinte línguas

---

<sup>51</sup> Couto, Mia. Couto, *Mia. A Varanda do Frangipani*. (Lisboa: Caminho, 2003), p. 68 – 69.

nacionais e algumas mais que só se consideram como dialetos.<sup>52</sup> Português como língua materna é falado apenas por 3% da população, da qual 90% reside nas cidades. Cerca de 40% da população total do país fala português<sup>53</sup>, dado que este se aplica como a língua do ensino.

A escrita de Mia Couto passou a ser objetivo de estudo de muitos que apreciam e ficam encantados sobretudo pela sua criatividade linguística. Nós vamos aproveitar os estudos feitos por Fernanda Cavacas<sup>54</sup>, que na parte teórica do seu dicionário sobre a linguagem de Mia Couto propõe uma classificação de invenções e alterações utilizadas pelo escritor e logo explica os possíveis motivos pelos quais as realiza.

Os aspetos através dos quais Mia Couto inova a linguagem são, conforme Cavacas, os seguintes:

- 1.) A forma oralizante, ou seja, o ritmo da frase, colocação das palavras, pausas, a respiração do texto, a presença das múltiplas vozes narradoras
- 2.) Organização sintática
- 3.) Os variados recursos estilísticos, dos quais surge polissemia
- 4.) O léxico, que altera de várias maneiras, entre elas o aproveitamento de proximidade fonética das palavras, palavras do léxico africano, alteração do significado ou categorias habituais<sup>55</sup>

Para explicar a motivação destas alterações, Cavacas sugere quatro explicações:

- 1) A influência de outras línguas e, nomeadamente, a captação do uso de uma língua veicular no seio de comunidades que, ao usarem essa língua com um domínio restrito, a alteram no sentido de ela lhes servir melhor
- 2) Um grande conhecimento da língua portuguesa e a procura de traduzir realidades que vêm correspondendo a línguas predominantemente orais, através de

---

<sup>52</sup>Línguas nacionais de Moçambique: cicopi, cinyanja, cinyungwe, cisenga, cishona, ciyao, echuwabo, ekoti, elomwe, gitonga, maconde (*shimakonde*), kimwani, macua (*emakhuwa*), memane, suaíli (*kiswahili*), suazi (*swazi*), xichanga, xironga, xitswa e zulu. Veja: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique>. (acesso em 12.6.2014).

<sup>53</sup>Lopes, Armando Jorge. *Reflexões sobre a situação linguística de Moçambique*. apud Chavez, Rita e Macedo, Tânia. *Marcas da Diferença: as literaturas Africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006, p. 35-46.

<sup>54</sup>Cavacas, Fernanda. *Mia Couto: Brinciação Vocabular*. (Lisboa: Mar Além, 1999). p. 16 – 17.

<sup>55</sup> Idem.

uma língua europeia marcada pela escrita e pela necessidade de síntese e de “afunilamento” de significados;

3) Uma vivência sentida e pressentida de aspetos ontológicos e sociológicos de comunidades moçambicanas

4) O carácter lúdico – criação do artista que junta cores e formas na paleta do retrato, sem verossimilhança aparente com a realidade retratada

Partindo de motivos apresentados, poderíamos perceber que a criatividade linguística de Mia Couto é uma forma lúdica de refletir a língua de uma sociedade que acolheu o português-padrão e começou a usá-lo como língua oficial, no entanto, de maneira diferente. O ambiente geográfico tão desigual de Portugal e o fato de existirem mais de duas dezenas de línguas autóctones transformaram a língua original, acrescentaram-lhe as suas peculiaridades. Mia Couto capta a maneira de falar do povo, da gente que vive numa realidade multilingue, numa realidade que já não é a colonial. É a fala da gente que na realidade não percebe português como uma língua natural para se expressar. Conforme salienta Laranjeira, a criatividade e inventividade da linguagem é típica para os escritores colonizados que pretendem afirmar a diferença em quanto à língua falada e à literatura dentro da língua do colonizador<sup>56</sup>.

Não nos vamos focar mais no estudo linguístico da obra literária de Mia Couto, visto que este mereceria um trabalho especial. No entanto, pensamos que é preciso mencionar esta parte do seu estilo no nosso trabalho, posto que a linguagem é um dos elementos que formam a consciência de uma nação e em consequência de nacionalidade, em particular num país onde a questão linguística é tão complicada como em Moçambique. Eis aqui apenas alguns exemplos da brincadeira vocabular miacoutiana retomados d’ *A Varanda do Frangipani*, para testificar o acima escrito:

- sobresistir<sup>57</sup> = sobre + resistir
- acontecência<sup>58</sup> = acontecimento + coincidência
- mulungo<sup>59</sup> = branco, senhor

<sup>56</sup> Laranjeira, Pires. *Africanas de Expressão Portuguesa*. (Lisboa: Universidade Aberta, 1995).

<sup>57</sup> Couto, Mia. *A Varanda do Frangipani*. Lisboa: Caminho, 2003, p.36 – trata-se neste caso de um amálgama, frequentemente utilizado pelo autor

<sup>58</sup> Idem, p.137.

<sup>59</sup> Idem, p.66.

- wamulambo<sup>60</sup> = cobra gigante que vagueia pelos céus durante as tempestades

## 5.2. Realismo e fantasia na obra miacoutiana

### 5.2.1. Realismo animista na obra de Mia Couto

Quando se fala e escreve sobre a literatura africana, frequentemente tropeçamos com o termo realismo animista. Pensamos que é um dos conceitos pelos quais poderíamos caracterizar a produção literária de Mia Couto, por isso seria necessário definir em que se fundamenta.

O nome que se dá a este tipo de realismo provém do animismo, religião ou conjunto de crenças praticada em todo o mundo por civilizações naturais. Baseia-se na ideia de que cada coisa tem um espírito, e estes vivem no nosso mundo, seja em coisas, seja em pessoas vivas ou mortas. Animistas acreditam que estes espíritos podem atuar no nosso mundo, atrair coisas boas ou ruins e influir nas nossas vidas. Por isso é preciso agradar-lhes por meio de sacrifícios. Basicamente, os animistas não percebem o mundo da mesma maneira como por exemplo os cristãos. Respeitam os objetos ao seu redor e, os seus antepassados, pois estes não são para eles uma simples matéria ou ideia, mas uma parte viva do mundo.

Na literatura africana os escritores com frequência percorrem o campo de elementos, que para que são aparentemente fantásticos. Elisângela da Silva Tarouco<sup>61</sup> propõe buscar a explicação da presença destes elementos nas suas obras em necessidade de reafirmação e posicionamento da individualidade africana perante a influência europeia. Desta maneira, os elementos fantásticos poderiam ser percebidos como uma volta ao passado, à cultura original, autóctone, a parte da qual reconstroem a sua identidade africana.

A presença de elementos fantásticos é o segundo elemento, imediatamente depois da invenção linguagem, em que reparamos ao nos focar na obra de Mia Couto. Ele frequentemente situa as suas histórias em um ambiente cheio de magia, em que aparecem xicuembo<sup>62</sup>, xipocos<sup>63</sup> e nhamussoros<sup>64</sup>. As suas terras desaparecem, as paisagens mudam

---

<sup>60</sup> Couto, Mia. *A Varanda do Frangipani*. Lisboa: Caminho, 2003. P.90.

<sup>61</sup> Disponível em:

[http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi\\_sepesq/arquivosPDF/27154/1938/com\\_identificacao/Artigo%20Sepesq%20Animismo.pdf](http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/27154/1938/com_identificacao/Artigo%20Sepesq%20Animismo.pdf).

<sup>62</sup> Feitiços.

<sup>63</sup> Fantasmas.

<sup>64</sup> Feiticeiros.

de aspeto, personagens são perseguidas por espíritos. Os animais têm poderes especiais, os mortos falam.

Ainda segundo Silva Tarouco, através de uma concepção especial da realidade e do mundo as literaturas africanas tentam dar sentido à vida dos antepassados e ampliar a relação entre a tradição e a modernidade. Os elementos fatásticos presentes não seriam então uma simples invenção da mente humana mas a maneira pela qual os autores inserem aos seus textos a tradição africana representada pelo animismo.

Nestes textos a tradição oral africana, a cultura autóctone comparte espaço com os elementos modernos. A fantasia presente nos textos de Mia Couto seria então um diálogo com o passado moçambicano. A maneira como da sua posição de um escritor (ou um homem simples?) contemporâneo respeitar e reavivar a tradição que corre risco de extinção no mundo moderno. A maneira de se lembrar dos antepassados para sublinhar que formam parte da realidade atual.

### **5.2.2. O real na obra de Mia Couto**

Além de percorrer o campo de fantasia, a obra miacoutiana encontra as suas raízes na realidade moçambicana. Ainda que o mundo em que se desenvolvem os romances seja intercalado por magia, a sua base essencial reside na realidade concreta do país. Durante a leitura encontramos-nos incessantemente com os acontecimentos ocorridos em Moçambique nas últimas quatro décadas, em concreto a guerra civil e a situação política e social nada positivas. Na realidade, não existe maneira de esquecer a sua pátria nos seus textos. O escritor constantemente lembra o seu país, ainda que poucas vezes diretamente pelo seu nome, mas através de reminiscências, histórias que ocorrem e personagens que as vivem. Poderíamos considerar a sua obra uma crónica. Crónica do tempo pós-colonial moçambicano, em que a guerra, corrupção e resíduos do sistema colonial misturados com a tradição autóctone formam o espaço peculiar, nada parecido ao europeu. Crónica através da qual o escritor marca a diferença e sublinha a individualidade do seu país e a sua moçambicanidade.

### **5.2.3. *Terra Sonâmbula* – Terra moçambicana**

*Terra Sonâmbula*, o primeiro e provavelmente o mais falado livro do escritor, é uma história do sofrimento e mágoas que o povo moçambicano teve que viver. Nas suas páginas o autor resume o passado, o presente e de certa maneira também o futuro da sua

terra, os obstáculos que se tinham e têm que superar e as consequências de uma época demasiado crua pela qual passou o país. O enredo situa-se em plena guerra civil moçambicana que teve lugar depois da independência do país:

*“Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui o céu se tornara impossível. E os vivos se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.”*<sup>65</sup>

A partir da primeira página entramos através desta “*estrada morta*” num ambiente hostil, somos transmitidos ao centro de um país em guerra, devastado, violento, inimigo. A história começa com dois viajantes, o menino Muidinga que perdeu a memória e quer encontrar aos seus pais, e o velho Tuahir que o acompanha. Na realidade, são dois viajantes que fogem da guerra, estão à procura de um refúgio. Neste ambiente destruído, em meio do nada, eles encontram um machimbombo<sup>66</sup> queimado com vários corpos carbonizados. Um corpo porém não foi queimado, tinha sido morto a tiros. Junto dele há uma mala, intacta, na qual encontram uma série de cadernos. Muidinga descobre a sua capacidade de ler e começa com a leitura dos cadernos:

*“Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim destes escritos, serei de novo uma sombra sem voz.”*<sup>67</sup>

Assim começa a narrativa dentro da narrativa, a história de Kindzu, o terceiro herói da história. A partir de aqui a história no romance vai se desenvolver em dois lugares: no machimbombo na estrada e nos cadernos. Cada capítulo consta de duas partes, uma dedicada ao menino e ao velho, a outra à vida de Kindzu que Muidinga lê em voz alta. Já aqui começam as dicotomias que se desenvolvem durante toda a obra: passado/presente, fantasia/realidade, oralidade/escrita, morte/vida, sonho/pesadelo. Tuahir e Muidinga vivem no presente, num espaço mais ou menos real. Kindzu anota nos seus cadernos o passado

<sup>65</sup> Couto, Mia; *Terra Sonâmbula*. (Barcelona: BIS, 2008), p.9.

<sup>66</sup> Autocarro.

<sup>67</sup> Couto, Mia; *Terra Sonâmbula*. (Barcelona: BIS, 2008), p.15.

mágico, cheio de oralidade e tradição. Por meio da escritura a sua vida chega ao presente. O passado penetra na atualidade, sendo o elemento de ligação entre eles a guerra:

*“O tempo passeava com mansas lentidões quando chegou a guerra. Meu pai dizia que era confusão vinda de fora, trazida por aqueles que tinham perdido os seus privilégios. No princípio, só escutávamos as vagas novidades, acontecidas no longe. Depois, os tiroletos foram chegando mais perto e o sangue foi enchendo nossos medos. A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios da nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos.”*<sup>68</sup>

Reparemos aqui como a guerra é denunciada. É longa, porque quando Muidinga lê o acima escrito, a guerra ainda continua, omnipresente e devoradora. É uma “cobra”, de fato criada com a ajuda dos próprios moçambicanos.

Ainda que mergulhado num acontecimento real da história moçambicana, o romance *Terra Sonâmbula*, como outras obras miacoutianas, também apresenta traços do fantástico. Ainda por cima, este elemento sofre uma forte influência de oralidade africana. Conforme Ana Mafalda Leite (1998), o uso da oralidade nas obras dos escritores africanos é um instrumento de deteção de africanidade textual<sup>69</sup>, por isto pensamos, que a presença de fantasia na obra miacoutiana marca precisamente este caminho para a tradição africana. O livro poderia ser percebido então como uma representação de confronto entre a história, ou seja, a tradição africana e a modernidade. No livro, a maior parte da fantasia ocorre na história do Kindzu, que decide abandonar a sua aldeia natal para se juntar aos Naparamas, guerreiros contra “os fazedores da guerra” e em procura do Gaspar, filho da mulher pela qual se apaixonou - Farida. Perseguido sempre pelo espírito do seu pai morto, Kindzu aponta nos cadernos toda esta viagem pela sua vida. Eis aqui outro sinal da valorização da oralidade, neste caso representada pelos cadernos. Ainda conforme Leite, a ideia de “herança oral” leva os escritores africanos a criar uma noção de continuidade entre a tradição oral e a literatura. A crítica ressalta a união desta oralidade com o motivo sempre presente do sonho, que no livro tem mais de uma explicação.

Um dos possíveis significados do sonho, poderia ser aquele de viver por meio de literatura:

<sup>68</sup> Couto, Mia; *Terra Sonâmbula*. (Barcelona: BIS, 2008), p.15.

<sup>69</sup> Leite, Ana Mafalda. *Oralidades&Escritas na Literaturas Africanas*. (Lisboa: Calibri, 1998), p.12.

- “- *O que andas a fazer com um caderno, escreves o quê?*  
 - *Nem sei, pai. Escrevo conforme vou sonhando.*  
 - *E alguém vai ler isso?*  
 - *Talvez.*  
 - *É bom assim: ensinar alguém a sonhar.*  
 - *Mas pai, o que passa com esta nossa terra?*  
 - *Você não sabe, filho. Mas enquanto os homens dormem, a terra anda procurar.*  
 - *A procurar o quê, pai?*  
 - *É que a vida não gosta de sofrer. A terra anda procurar dentro de cada pessoa, anda juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira dos sonhos.*”<sup>70</sup>

Sonhar aqui poderia ser equivalente a viver. E da mesma maneira como a oralidade, os cadernos irão ensinar a alguém a sabedoria da vida (aos dois viajantes neste caso). Porém, Mia Couto não escolhe o título de livro por casualidade e não se contenta com só um significado de sonhar. O sonho, também no fragmento acima escrito, poderia ter o significado de esperança, da fê num futuro melhor, num mundo sem guerra. A terra anda à procura de sonhos – esperanças que as pessoas têm e tenta juntá-los para formar um tecido que conste de esperanças de almas humanas – moçambicanos – por criar algum futuro para Moçambique. Poderíamos perceber este ato de sonhar como o fato de próprio o Mia Couto sonhar, e desta maneira acreditar na força e bondade do povo.

A fantasia que ocupa as páginas dos cadernos de Kindzu penetra na história de Muidinga e Tuahir, seja pela leitura deles, seja por residir no mesmo mundo,. Também aqui queríamos apontar para o elemento de terra e de sonho. A paisagem em que se encontram as personagens sofre permanentes mudanças durante a história:

“*O miúdo entorta o nariz, decidido a desobedecer. Não queria que o animal escapasse. Procura nas redondezas um ramo à altura de receber um nó. Então se admira: aquela árvore, um djambalauleiro, estava ali no dia anterior? Não, não estava*”<sup>71</sup>

<sup>70</sup> Couto, Mia; *Terra Sonâmbula*. (Barcelona: BIS, 2008), p.183.

<sup>71</sup> Couto, Mia; *Terra Sonâmbula*. (Barcelona: BIS, 2008), p.37.

O passado e o presente chegam ao mesmo ponto, a fantasia penetra na realidade e a estrada começa a caminhar. O presente está a mover-se mediante a estrada, está a transformar-se e segue para frente. Onde vai parar?

Vejamos o último capítulo no qual já não se mantém a estrutura dos capítulos que são divididos em duas partes. As duas histórias, igualmente como a estrutura, juntam-se:

*“- Me deite no barco, filho. Quero morrer sem ver nenhuma terra, só água em todo lado.*

*Muidinga se aproxima do concho. No peito da pequena embarcação letras se desbotam. O nome do barco quase já não é legível.*

*- Como se chama o concho?*

*- Nem vai acreditar, tio.*

*- Porquê?*

*- Porque se chama Taímo. Lembra? É o mesmo nome da canoa de Kindzu.”*

A estrada chegou ao seu ponto final. Os viajantes encontram o passado, o barco em que viajou Kindzu ao viver a sua vida. Encontram os vestígios dos antepassados, os dois tempos se unem numa só história. O romance acaba com Muidingo lendo as últimas frases dos cadernos:

*“Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiar (...) Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. Da sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então, as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra.”<sup>72</sup>*

Kidzu consegue cumprir a sua promessa, encontra o filho da Farida, que resulta ser o Muidingo. O passado alcança o presente. E as letras escritas por Kindzu convertem-se em uma parte da terra, igual como o passado forma a sua parte estando ali, sempre presente. Apontaríamos aqui também para o fato de que são as *“letras (que) se vão convertendo em grãos de areia.”* A oralidade, tão apreciada pelos africanos, também faz a parte da terra.

---

<sup>72</sup> Idem, p. 204.

Temos aqui então, representado pela narrativa, um encontro da tradição e da modernidade. A história moçambicana, representada simbolicamente através da personagem do Kidzu visita o presente. No nosso ver, *Terra Sonâmbula* representa por um lado a maneira de captar a crueldade dos acontecimentos ocorridos em Moçambique durante a guerra pela independência, por outro lado, uma certa procura da tradição e das raízes originais do povo. O escritor busca a harmonia entre todos estes elementos que formam Moçambique, aceita o que foi para poder construir o que vai vir.

#### 5.2.4. A Varanda do Frangipani

Enquanto *Terra Sonâmbula* ocorre no meio de uma guerra, *A Varanda do Frangipani* situa a sua história uns vinte anos após este acontecimento. No entanto, o país entrou na guerra civil e apesar de notar o Moçambique independente no espaço literário que se desenha, o leitor confronta o ambiente cheio de resíduos do colonialismo. A ação de romance situa-se numa antiga fortaleza portuguesa, a qual foi transformada em asilo para velhos – São Nicolão:

*“A árvore do frangipani ocupa uma varanda de uma fortaleza colonial. Aquela varanda já assistiu a muita história. Por aquele terraço escoaram escravos, marfins e panos. Naquela pedra desflagraram canhões lusitanos sobre navios holandeses. Nos fins do tempo colonial, se entendeu construir uma prisão para encerrar os revolucionários que combatiam contra os portugueses. Depois da Independência ali se improvisou um asilo para velhos.”*<sup>73</sup>

O sítio parece uma ilha isolada no meio do mar – de um lado a sua fronteira encontra-se demarcada por água e rochas, de outro, por terra coberta de minas. A única maneira como chegar e sair do asilo é a via aérea.

Neste asilo aconteceu um crime – o diretor Vasto Excelência foi morto. O crime tem que ser resolvido e por isso chega o policial Izidine, no entanto, sabemos desde o primeiro capítulo, que em sete dias ele vai morrer. A história, como outras, comprova traços de realismo animista. O narrador da história é o xipoco<sup>74</sup> Ermelindo Mucanga, habitante da cova que se encontra por debaixo de frangipani. Fica neste estado por não ser devidamente enterrado e deve “remorrer”, por isso entra no corpo de policial Izidine e assiste à investigação. A estrutura d’*A Varanda do Frangipani* também consta de um certo

<sup>73</sup> Couto, Mia. *A Varanda do Frangipani*. (Lisboa: Caminho, 2003), p.13.

<sup>74</sup>Almas que por não ser devidamente enterrados vagueiam pelo mundo.

dualismo: a narrativa divide-se em quinze capítulos dos quais, a partir do terceiro, cada segundo é a explicação do crime do ponto de vista dum dos velhos que residem no asilo. Assim, o enredo é formado a partir de uma série de narrativas contadas pelos velhos que se encaixam em narrativa principal que é representada pela a investigação do crime.

Igual como em *Terra Sonâmbula*, na estrutura e história deste livro percebemos uma mensagem, neste caso escondida trás o género aparentemente policial. O espaço do asilo isolado no meio de nada, parece-nos uma metáfora de tradição moçambicana. Lembremos os fatos: em São Nicolão residem os velhos: Navaia – o velho criança, Domingos Mourão – o velho português assimilado, Nãozinha – a feiticeira. A velhice, tanto apreciada na cultura africana, está isolada num pequeno lugar, longe da capital, da civilização. Desta maneira o lugar poderia representar a tradição afastada da sociedade moderna moçambicana, esquecida pelo homem moderno. Aí a tradição permanece viva, por meio da feiticeira que lhe dá vida e conecta a atualidade com o mundo dos antepassados e também por meio da simples existência destes velhos, que guardam a memória do passado. O inspector Izidine, que representa um homem “civilizado”, chega ao asilo para reencontrar a tradição, e aprender de novo qual é a sua origem, sendo ajudado pela Marta, a enfermeira do asilo:

*“- Você nunca vai entender. O que se está a passar aqui é um golpe de Estado.*

*- Um golpe de Estado?*

*- Sim, é isso que o deveria preocupar, senhor polícia.*

*- Mas aqui na fortaleza, um golpe? – Izidine se riu, estupefeito. Francamente, Marta...*

*- Não é só aqui na fortaleza. É no país inteiro. Sim, é um golpe contra o antigamente.*

*(...)*

*- Há de guardar este passado. Senão o país fica sem chão.”<sup>75</sup>*

Uma parte da tradição então sobrevive, isolada em algum lugar da terra, mas corre o risco de se extinguir:

*“- Escute, senhor inspector: o crime que está sendo cometido aqui não é esse que o senhor anda à procura.*

---

<sup>75</sup> Couto, Mia. *A Varanda do Frangipani*. (Lisboa: Caminho, 2003), p.102 – 103.

- *O que quer dizer com isso?*
- *Olhe para estes velhos, inspector. Eles todos estão morrendo.*
- *Faz parte do destino de qualquer um de nós.*
- *Mas não assim, o senhor entende? Estes velhos não são apenas pessoas.*
- *São o quê, então?*
- *São guardiões de um mundo. É todo esse mundo que está sendo morto.”<sup>76</sup>*

Os velhos simbolizam os protetores da cultura original, os antepassados e Mia Couto denuncia através deste romance o perigo de eles desaparecerem. Aponta para o esquecimento do mundo moderno, que quer seguir em frente sem olhar para trás, sem respeitar o passado. O passado corre o risco da morte.

O inspetor Izidine, estudado em Europa, que no romance representa o homem da cidade, alheio à tradição moçambicana da qual se esqueceu, sofre o processo de mudança ao longo da narrativa. No início não percebe as “*coisas importantíssimas*” que os velhos lhe estão a dizer. “*Não fala a língua deles.*”<sup>77</sup> Contudo, ao final se lembra das suas raízes. A sua personagem simboliza a união entre a modernidade e a ancestralidade.

Consequentemente, pensamos que deste modo o escritor propõe uma certa solução para a situação atual de Moçambique. E igual como em *Terra Sonâmbula*, esta consiste em respeito e reencontro, na união de todas as influências que a terra recebeu. Consiste na consciência de que passado, tradição, presente e modernidade formam parte da cultura moçambicana e seria em vão negar qualquer destes elementos.

---

<sup>76</sup> Couto, Mia. *A Varanda do Frangipani*. (Lisboa: Caminho, 2003), p. 59.

<sup>77</sup> Idem, p. 77.

## 6. Comentário final

No nosso trabalho tentámos propor uma imagem do modo pelo qual o escritor moçambicano Mia Couto representa na sua obra literária a identidade nacional moçambicana e a história da sua pátria. Para explicar este processo tivemos que investigar nos campos de história, identidade e nação, procurar a sua união com a literatura e o conceito de moçambicanidade. Focalizá-mo-nos em dois romances do escritor – *Terra Sonâmbula* (1992) e *A Varanda do Frangipani* (1996).

Em consequência descobrimos algumas similitudes nos dois livros que nos parecem importantes para definir as representações históricas e identitárias presentes na obra miacoutiana. A primeira delas é a linguagem inovadora e criativa do escritor. Para oferecer um espaço literário que evoque a terra moçambicana, o autor intercala constantemente as suas obras com palavras inventadas por ele ou palavras dialetais, de origem africana. Desta maneira constrói a fronteira que delimita a questão linguística de um país pós-colonial e difere a fala do seu povo daquela usada pelo colonizador.

A segunda representação do moçambicano é a sua tradição. No nosso ver, escritor evoca a tradição africana através de vários sinais que apontam à cultura autóctone do continente africano. Encontramos entre eles a presença do elemento fantástico, importância de letras, palavras e oralidade, apreciação dos velhos e da sua sabedoria como guardiões desta tradição. O escritor põe ênfase no passado não influenciado pelo sistema colonial, sublinha a sua importância como base a partir da qual se forma a originalidade e individualidade da nação moçambicana.

No entanto, e eis aqui a última representação, na sua obra mistura-se o fantástico com o mundo real. Mia Couto capta na criação literária os acontecimentos ocorridos na sua pátria durante e após a guerra pela independência e desta maneira reflete o Moçambique pós-colonial, que se está a modernizar mas ainda sofre as consequências da guerra. Denuncia a atualidade complicada do país, o esquecimento do homem moderno frente ao seu passado, a crueldade da época e os resíduos do colonialismo. Contudo, as suas histórias revelam a esperança em que a tradição e a modernidade vão se reencontrar e unir num só elemento que poderia trazer um futuro mais seguro para Moçambique.

## Zhrnutie

Mia Couto, vlastným menom António Emílio Leite Couto, je mozambický spisovateľ a biológ, ktorý sa stal jedným z najdôležitejších predstaviteľov súčasnej africkej literatúry. Jeho diela v sebe nesú správu z iného kontinentu, ukrytú za závesom fantastických prvkov a inovatívneho jazyka. Cieľom tejto práce je analyzovať zobrazenie národnej identity a histórie Mozambiku v dvoch autorových románoch: *Terra Sonâmbula*(1992) a *A Varanda do Frangipani*(1996).

V prvej kapitole sa venujeme autorovi, jeho životopisu a dielu. V druhej kapitole sa snažíme o prierez dejinami Mozambickej republiky od jej “objavenia” až po súčasnosť. Tretia kapitola pojednáva o otázke národa, národnej identity a jej formovania v postkoloniálnych krajinách. Kladieme dôraz na jej prítomnosť v literárnych dielach a na dôležitú úlohu, ktorú plní po zrušení koloniálneho systému v krajine. Záver tretej kapitoly je venovaný procesu formovania národnej literatúry v Mozambiku.

Posledná kapitola je venovaná tvorbe Mia Couto. Analyzuje tri prvky, ktoré podľa nášho názoru vytvárajú obraz národnej identity v jeho dielach. Zameriavame sa na jazyk, jeho originálne využitie a tvorbu nových slov, vymykajúcich sa portugalskej norme; prvky reality, ktorými určuje geografický pôvod jeho diel a ako posledné, prvky fantázie, použité ako symboly odkazujúce na pôvodnú africkú kultúru a jej minulosť.

## Summary

Mia Couto, birth name António Emílio Leite Couto, is a Mozambique writer and biologist considered as one of the most important representatives of contemporary African literature. His writings transfer the message from another continent that is mystified by some fantastic elements and an innovative language. The aim of this work is to analyse the depiction of Mozambique national identity and history in his two novels: *Terra Sonâmbula* (1992) and *A Varanda do Frangipani* (1996).

The first chapter outlines his life and literary work. In the second chapter, the focus is put on the history of Mozambique from its “discovery” up to the present days. The third chapter deals with the nation, national identity and its formation in the postcolonial countries. We focus on the issues mentioned previously as well as on the importance of the end of colonialism in Mozambique. By the end of the third chapter, the formation of Mozambique national literature is presented.

The last chapter concerns about the literary work of Mia Couto. It analyses three elements that seem, from our point of view, to contribute to the image of national identity in his writings. We examine the language, its original usage and word formation that do not respect the Portuguese linguistic norm. Two more issues are examined there: elements of reality determining the geographic origin of his work and the fantastic features used like symbols of indigenous African culture and its past.

**Anotácia:**

**Autor:** Kristína Ceferová

**Inštitúcia:** Filozofická fakulta Univerzity Palackého v Olomouci, katedra romanistiky, portugalská sekcia

**Názov:** Národná identita a história Mozambiku v diele Mia Couto (A Identidade Nacional e a História do Moçambique na obra de Mia Couto)

**Vedúca práce:** PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

**Počet znakov:** 75 510 (63 782 bez medzier)

**Počet titulov použitej literatúry a internetových zdrojov:** 36

**Kľúčové slová:** Mia Couto, Mozambik, Afrika, národná identita, história, postkolonializmus

**Abstrakt:** Bakalárska práca sa zaoberá zobrazením národnej identity a histórie v dielach mozambického spisovateľa Mia Couto. V prvej kapitole popisuje autorov život a dielo, v ďalších častiach sa zaoberá dejinami Mozambiku a národnou identitou v postkoloniálnych krajinách, tak ako aj opodstatnením ich prítomnosti v literárnych dielach. V poslednej časti analyzuje spôsob, ktorým Mia Couto predstavuje dejiny svojej vlasti a zobrazuje národnú identitu vo svojej tvorbe.

**Annotation:**

**Name and surname:** Kritína Ceferová

**Name of the Faculty and Department:** Faculty of Philosophy, Department of Romance studies

**Title of the thesis:** Mia Couto: National Identity and the History of Mozambique in his Work

**Supervisor:** PhDr. Zuzana Burianová, Ph.D.

**Number of characters:** 75 510 (63 782 no spaces)

**Number of used sources of literature:** 36

**The key words:** Mia Couto, Mozambique, Africa, national identity, history, postcolonialism,

**Abstract:** This bachelor thesis deals with the national identity and history in the literary work of Mozambique writer Mia Couto. In the first chapter, the focus is put on the author's life and work. The following chapters analyse the history of Mozambique and the issues of national identity in the postcolonial countries as well as the justified presence of these two phenomena in the literary pieces. The last part of the work examines how Mia Couto presents the history of his own homeland and how he depicts it in his writings.

## Bibliografia

Alós, Anselmo Perez. 2012. *Identidade nacional em tempos de pós-colonialidade lendo a moçambicanidade nos romances de Mia Couto*. Letras, Santa Maria, v.22, n.45, p. 65-82. [http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos\\_r45/artigo\\_4.pdf](http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r45/artigo_4.pdf) (acesso em 19.6.2014).

Barbosa, M. H. S., da Silva, R. A. C. e Lacourt, G. 2011. *Múltiplas Vozes de Vinte e zinco e a identidade cultural de Moçambique*. Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. v. 7, n. 1, <http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/1914> (acesso em 25.5.2014).

Chabal, Patrick. 2009. *Karingana ua Karingana: Mia Couto, um contador de histórias moçambicano*. In Via Atlântica, N. 16: 47 – 61. <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50461/54573> (acesso em 20.6.2014).

Cavacas, Fernanda, *Mia Couto: Acrediteísmos*. Lisboa: Mar além, 2001.

Cavacas, Fernanda. *Mia Couto: Brinciação Vocabular*. Lisboa: Mar Além, 1999.

Chavez, Rita e Macedo, Tânia. *Marcas da Diferença: as literaturas Africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006.

Correia, Maria Rosa Adanjo. 2012. *Escrevivendo e brincando: Mia Couto seduz leitores e descontenta tradutores*. Actas del II Congreso Internacional SEEPLU, pp. 74-92. <http://www.seeplu.galeon.com/textos2/correia.pdf> (acesso em 20.5.2014).

Couto, Mia. *A Varanda do Frangipani*. Lisboa: Caminho, 2003.

Couto Mia; *Raíz de Orvalho*. <http://recursos.wook.pt/recurso?&id=4870374> (acesso em 7.6.2014).

Couto, Mia; *Terra Sonâmbula*. Barcelona: BIS, 2008.

Diário do Governo. 1951. *Suplemento*. 1ª série, n. 117. <http://dre.pt/pdf1sdip/1951/06/11701/04070412.pdf> (acesso em 3.6.2014).

Duarte, Luís Ricardo. *As sete vidas de um escritor*. In *Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa: Imresa Publishing, 2013, Ano XXXIII, Núm. 1114, p. 8 – 9.

Esparza, Daniel, Krč Eduard. *Literatura e la identidad nacional: Un estudio del Otro en la novela Trafalgar de Galdós*. Olomouc: Univerzita Palackého v Olomouci, 2011.

Felinto, Marilene, *Mia Couto e o Exercício da Humildade*. Trechos publicados em Folha de São Paulo no caderno Mundo, 2002.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u43519.shtml> (acesso em 13.6.2014).

Ferreira, Manuel, *O Discurso no Percurso Africano I*. Venda Nova: Plátano, 1989.

Fonseca, Maria Nazareth Soares; Moreira, Terezinha Taborda. *Panorama das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*.

[http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth\\_panorama.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf) (acesso em 1.6.2014).

Furtado, Jonas. *Mia Couto: Não à reforma ortográfica*. Isto É. N. 1978,(2007),

[http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3254\\_NAO+A+REFORMA+ORTOGRAFICA?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage](http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/3254_NAO+A+REFORMA+ORTOGRAFICA?pathImagens=&path=&actualArea=internalPage) (acesso em 2.6.2014).

Klíma, Jan. *Dějiny Afriky: vývoj kontinentu, regionů a států*. Praha: Lidové noviny, 2012.

Klíma, Jan. *Dějiny Mosambiku*. Praha: Nakladatelství Lidové noviny, 2010.

Klíma, Jan. *Dějiny Portugalska*. Praha : Nakladatelství Lidové noviny, 2007.

Lacina Karel a kol. *Nejnovější dějiny Afriky*. Praha : Svoboda, 1987.

Laranjeira, Pires. *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

Leite, Ana Mafalda. *Oralidades&Escritas na Literaturas Africanas*. Lisboa: Calibri, 1998.

Lopes, Armando Jorge. *Reflexões sobre a situação linguística de Moçambique*. apud Chavez, Rita e Macedo, Tânia. *Marcas da Diferença: as literaturas Africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2006.

Machado, Lola Huete. *Mia Couto: “En África no es que se viva un realismo mágico, es realismo real”*. El País (Setembro de 2013),

[http://elpais.com/elpais/2013/09/27/eps/1380282368\\_900161.html](http://elpais.com/elpais/2013/09/27/eps/1380282368_900161.html) (acesso em 30.5.2014).

Ornelas, José N.. 1996. *Mia Couto no Contexto da literatura Pós-colonial de Moçambique*. In Luso-Brasialian Review. University of Wisconsin Press, vol. 33(2), pp. 37-52.  
<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3513768?uid=3737856&uid=380303863&uid=2134&uid=380303873&uid=2&uid=70&uid=3&uid=380303863&uid=60&purchase-type=article&accessType=none&sid=21104268041973&showMyJstorPss=false&seq=3&showAccess=false> (acesso em 15.5.2014).

Otinta, Jorge de Nascimento; *Mia Couto: Memória e Identidades em Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008  
[https://www.google.cz/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8156%2Ftde-01092008-160730%2Fpublico%2FDISSERTACAO\\_JORGE\\_DE\\_NASCIMENTO\\_NONATO\\_OTINTA.pdf&ei=\\_mahU9iSNqXoywO3r4HgDw&usg=AFQjCNFNDK5Xd-uc14wAY6ZsMrZAhFhUFg&sig2=WCN7ijGEeLJj-31CFgQ-Uw](https://www.google.cz/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB8QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.teses.usp.br%2Fteses%2Fdisponiveis%2F8%2F8156%2Ftde-01092008-160730%2Fpublico%2FDISSERTACAO_JORGE_DE_NASCIMENTO_NONATO_OTINTA.pdf&ei=_mahU9iSNqXoywO3r4HgDw&usg=AFQjCNFNDK5Xd-uc14wAY6ZsMrZAhFhUFg&sig2=WCN7ijGEeLJj-31CFgQ-Uw) (acesso em 18.6.2014).

Portal do Governo de Moçambique:  
<http://www.portaldogoverno.gov.mz/Mozambique/resHistorico> (acesso em 5.6.2014).

Quiroz, Sandra. 2013. *Mia Couto: “África está llena de Macondos, de pueblos así, como el de Gabo”*. In Afribuku. <http://www.afribuku.com/miacouto/> (acesso em 20.6.2013).

Reid, J. Richard. *Dějiny moderní Afriky*. Praha : Grada, 2011.

Rodrigues, Alexandre; *Nação*. <http://www.coladaweb.com/politica/nacao> (acesso em 20.5.2014).

RTP. *Maior força da oposição moçambicana renuncia a acordo de paz de 1992*. 2013  
<http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=689768&tm=7&layout=122&visual=61>  
 (acesso em 13.6.2014).

Silva, Avani Sousa. *Da prosa poética aos textos de opinião: a questão da identidade em Mia Couto*. Revista Crioula, N.8, 2010,  
<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/55306> (acesso em 15.6.2010).

Tarouco, Elisângela da Silva. *O Realismo Animista e a Literatura Africana*.  
[http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi\\_sepesq/arquivosPDF/27154/1938/com\\_identificacao/Artigo%20Sepesq%20Animismo.pdf](http://www.uniritter.edu.br/eventos/sepesq/vi_sepesq/arquivosPDF/27154/1938/com_identificacao/Artigo%20Sepesq%20Animismo.pdf) (acesso em 23.6.2014).

Tutikian, Jane. *Questões de identidade: a África de língua portuguesa. Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p.37 – 46, 2006.

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/613/444> (acesso em 2.6.2014).

Vilela, Mário. 2001. *Reflexões sobre a política linguística nos Palop*. In AFRICANA STUDIA, N.4, Edição de Faculdade de Letras de Universidade do Porto, p. 33-48.

[http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS04\\_033.pdf](http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS04_033.pdf) (acesso em 20.6.2014).